

# SUJEITOS E IDENTIDADES: A CONSAGRAÇÃO DA ESCRITA IDENTITÁRIA E DIALÓGICA

Lucas Rodrigues Coelho\*  
Nazarete Andrade Mariano\*\*

## RESUMO

Este trabalho objetiva analisar os temas e algumas produções textuais publicadas na coletânea *Lugar de criação em versos e prosa* (MARIANO *et al*, 2020), a fim de deliberar noções acerca da escrita identitária e dialógica. Portanto, trata-se de um trabalho de pesquisa qualitativa e de caráter bibliográfico, em que se ancora em teóricos como Hall (2019), Silva (2014), Woodward (2014) e Fiorin (2020).

**Palavras-chave:** Escrita. Identidade. Dialogismo. Sujeito.

## Introdução

Fixou-se, no pensamento coletivo, a ideia de que estudantes de Escolas Públicas possuem limitações criativas, principalmente no que se refere à escrita literária. Partindo da necessidade de desmistificar tal pensamento, surge o projeto de extensão *Lugar de criação: um estudo da produção escrita identitária juvenil de Escolas Públicas*, protocolado na Pró-Reitoria de Extensão e Cultura (Proec) - por meio do edital de Fluxo Contínuo (02/2020) - da Universidade de Pernambuco *Campus Petrolina*.

No referido projeto, objetiva-se a produção de textos literários (tanto em prosa quanto em poesia) por estudantes (que estejam no Ensino Médio) e por ex-estudantes de Escolas Públicas do Semiárido baiano e pernambucano. Para tanto, a equipe extensionista (isto é, graduandos em Letras da UPE e professores do curso de Letras e da Educação Básica) propõe, em cada mês, uma tema social a partir da qual os membros<sup>1</sup> do projeto elaboram seus textos. No fim do mês, essas produções são apresentadas em saraus onlines e, no fim de um semestre, publicadas em uma coletânea.

Devido à pandemia da Covid-19, as atividades desenvolvidas no projeto são totalmente remota, em que se utiliza plataformas como Google Meet (para os encontros formativos), Google Sala de Aula/Classroom (para postagem dos textos produzidos e materiais diversos) e o WhatsApp (para comunicações internas).

Até o presente momento, encontra-se publicada a coletânea *Lugar de criação em versos e prosa* (MARIANO *et al*, 2020) na qual estão dispostos os textos com as seguintes temáticas: *Protagonismo feminino: a condição das mulheres, Sertão, arte e cultura* e *A construção do lugar de fala étnico-racial com estudantes de Escolas Públicas*.

Frente ao exposto, esta pesquisa justifica-se na necessidade de ratificar a importância de se pensar nas escritas desses autores oriundos de Escolas Públicas para lhes dar voz e vez na sociedade, bem como na necessidade de se amplificar este novo conceito a partir de discussões já propostas na Linguística Textual e nos estudos acerca da identidade: a escrita identitária.

Assim sendo, objetiva-se a análise de alguns textos presentes na coletânea supracitada, com o intuito de se compreender como a identidade se manifesta neles, dando ênfase,

---

\* Graduando em Letras com habilitação em Língua Portuguesa e Língua Espanhola pela Universidade de Pernambuco, Campus Petrolina. Extensionista do programa de extensão *Lugar de criação*. Ademais, é membro do Grupo de Estudo, Pesquisa e Extensão em Linguagens (GEPEL – UPE). É organizador do livro *Lugar de criação em versos e prosa* (2020). Endereço eletrônico: lucas.rcoelho@upe.br

\*\* Mestre e, atualmente, doutoranda em Crítica Cultural pela Universidade Estadual da Bahia. Graduada em Letras pela Universidade de Pernambuco. É membro do Grupo de do Grupo de Estudo, Pesquisa e Extensão em Linguagens (GEPEL – UPE) e do Observatório de Ensino-aprendizagem da Escrita no Semiárido (UNEB). É organizadora do livro *Lugar de criação em versos e prosa*. E-mail: nazarete.mariano@upe.br

principalmente, às questões de gênero, de raça e de lugar. Para isso, âncora em discussões pautadas na produção textual, na identidade, na formação do sujeito e no dialogismo. Com isso, pretende-se firmar um diálogo entre a comunidade acadêmica e a escolar, a fim de refletir o papel do estudante na escola no tocante à literatura. Para tanto, este trabalho apoia-se em uma metodologia de pesquisa qualitativa com caráter bibliográfico, visto que se propõe a analisar alguns textos publicados na coletânea a partir de pressupostos teóricos.

Para tanto, este estudo ancora-se nos postulados de Hall (2014, 2019), Silva (2014), Fiorin (2013, 2020) e Woodward (2014). Em suma, este artigo está subdividido nas seguintes seções: *Escrita identitária: traçando um novo conceito*, no qual será proposta discussões sobre a escrita e sobre a identidade e, posteriormente, de como elas se fundem e *O dialogismo na escrita identitária*, em que se enfatizará como essa produção potencializadora de identidades e torna dialógica.

## **1 A escrita identitária: traçando um novo conceito**

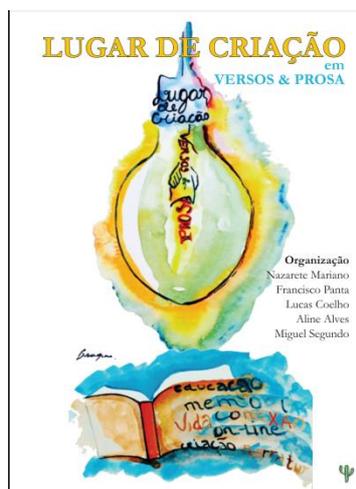
Nesta seção, toma-se como objeto de estudo a produção textual e a identidade, para que, posteriormente, seja possível esboçar um conceito prévio acerca da escrita identitária. Introduzindo essa discussão, lança-se ênfase à linguagem. Segundo Fiorin (2013), a linguagem diz respeito a uma condição inerente ao ser humano: a de se comunicar. Para isso, há a apropriação de signos os quais, orquestrados entre si, tornam possível a comunicação. Logo, esbarra-se no texto que, na perspectiva de Beaugrande (1997, p. 10 apud MARCUSCHI, 2008, p. 72), “é um evento comunicativo em que convergem ações linguísticas, sociais e cognitivas”.

Isso porque, como já apontado anteriormente, os humanos necessitam interagir entre si e, para isso, utilizam o espaço que o texto oferece. Nesse âmbito, usam-se dos signos (verbais e/ou não verbais) para cumprir esse papel. No entanto, o sistema linguístico por si só não garante a articulação textual, uma vez que toda produção textual é pensada e estruturada por um produtor para um receptor. Ou seja, esses dois membros da interação estão inseridos em uma sociedade (consequentemente, reflete sua cultura) e detêm conhecimentos de diferentes níveis e áreas. Assim sendo, o texto engloba as noções, as vivências e as experiências dos sujeitos envolvidos no processo de produção e de recepção. Ademais, dá lugar ao conhecimento de mundo e ao conhecimento compartilhado desses sujeitos.

Paralelo a isso, tem-se em perspectiva o processo de construção de sentido/s, isto é, de materialização de significados objetivos e subjetivos, o qual se dá pela relação entre o produtor, o texto e o receptor (KOCH; TRAVAGLIA, 2018). No entanto, não se pode esquecer que esse produtor e esse receptor são sujeitos historicamente situados.

Em se tratando do objeto de estudo desta pesquisa, isto é, as produções textuais contidas na coletânea *Lugar de criação em versos e prosa*<sup>2</sup> (ver fig. 1) tem-se autores classificados como sujeitos pós-modernos.

**FIGURA 1:** capa da coletânea *Lugar de criação em versos e prosa*



**FONTE:** MARIANO *et al*, 2020.

Para se entender, então, o que é e como se classifica o sujeito pós-moderno, torna-se necessário compreender algumas definições de sujeito propostas por Hall (2019) a partir de uma noção identitária. Em primeiro plano, foca-se no sujeito do Iluminismo sobre o qual a identidade era focada na essência do “eu”, pensando-a como individual. Por outro lado, lança-se olhar para o sujeito sociológico que possui sua identidade formatada com base na interação do “eu” com a sociedade.

Contrapondo isso, pensa-se no sujeito pós-moderno. Este, por sua vez, rompe com a ideia da identidade unificada para dar ênfase a um sujeito fragmentado, ou seja, portador de múltiplas identidades que “não são unificadas ao redor de um ‘eu’ coerente” (HALL, 2019, p. 12). Mas, afinal, o que é identidade?

A partir de Silva (2014), pode-se compreendê-la como o conjunto de afirmações do sujeito sobre o que ele é. Esse processo, no entanto, implica também o que ele não é, o que garante, na perspectiva de Woodward (2014), seu caráter relacional. Ou seja, a identidade e a diferença coexistem: para se ter uma identidade, é necessário ter outra/s para contrapô-la. Em consequência disso, a sociedade encontra-se dividida em sistemas classificatórios pautados nas identidades e nas diferenças.

Esses sistemas classificatórios, portanto, moldam os valores atribuídos aos grupos com base na noção privilegiada dessa divisão. Segundo Derrida (1991 apud SILVA, 2014), uma das formas de se estabelecer essa classificação está nos sistemas binários, em que uma posição é privilegiada socialmente, enquanto para a outra é atribuída uma carga negativa: branco e preto, mulher e homem, homossexual e heterossexual e afins. Por fim, frisa-se que os sistemas classificatórios não limitam-se apenas aos sistemas binários e sempre vão denotar ideia de poder, em que alguns grupos identitários são priorizados e outros são menosprezados socialmente.

Nesse viés, os grupos que são postos à margem da sociedade requerem de artifícios que questionem essa polarização e que lhes deem voz e vez. Surge, então, a escrita identitária<sup>3</sup>: os autores que são sujeitos pós-modernos e têm noção disso apropriam-se do espaço textual para potencializar suas múltiplas marcas identitárias. Com isso, busca-se resistir e garantir a sua existência enquanto sujeito cultural frente às problemáticas geradas pelos sistemas classificatórios, principalmente no que diz respeito à garantia de lugar e de voz na sociedade e à (re)afirmação de quem eles são. Portanto, a escrita identitária é um ato político e social.

A partir desses pressupostos, entende-se que o projeto de extensão *Lugar de criação: um estudo da produção escrita identitária juvenil de Escolas Públicas* trabalha com autores

que são ou que foram estudantes de Escolas Públicas, os quais são sujeitos, que dentro desses sistemas classificatórios, são desfavorecidos socialmente: mulheres, pretos, LGBTQIA+ e/ou nordestinos. Eles, pois, usam suas produções para reafirmar suas identidades e para dar voz à resistência.

Para ilustrar essas discussões, dá-se ênfase a algumas estrofes do poema *Independência não é silêncio*, de Andrade, para análise:

Existe muita coisa que não te disseram sobre a mulher  
Que vem acompanhada da dor, do amor, da intensidade  
Da cor, da pureza, do desabrochar de uma flor e de muita fé  
Experimenta ficar no corpo dela e verá a verdade  
O que rola lá dentro<sup>4</sup> é exposto, meu irmão!  
Para o mundo todo ver o verdadeiro conceito  
Ela não suporta humilhação e nem preconceito  
A dor filha do medo, não paralisa a opressão  
[...]  
A cuidar da própria vida, a ter ambição  
Mas não em demasia, a limitar o gênero à biologia  
Ou ainda precisar suportar em cada ação  
O machismo que vem logo ao nascer do dia  
Mesmo sendo julgada, foi ensinada  
Sua bandeira: seja resistência  
Porque eles falam igual manada  
Contudo, a palavra de ordem é “garanta sua independência”  
Independência, será possível?  
Em mundo patriarcal, machista!  
Não compreende o significado de feminista  
Cheio de preconceito torna insensível  
[...]  
É preciso uma existência com dignidade  
De transformação sem ser desrespeitada  
De ser confiante, pois a sua luz não se apaga  
E vida, mesmo que Severina, não pode ser ceifada  
[...] (MARIANO *et al*, 2020, p. 49-51)

Nesse poema, nota-se que a autora Andrade se apropria da voz do eu-lírico para ecoar sua resistência frente às problemáticas enfrentadas pela mulher em uma sociedade patriarcal e machista. Logo na primeira estrofe, observa-se que há uma desconstrução da imagem da mulher em pleno êxtase da vida, devido à humilhação, ao preconceito e à opressão pelos quais ela é submetida. Ainda nesse segmento, o eu-lírico defronta a noção machista de que a mulher deve garantir sua independência, sendo que não se é possível chegar a esse feito - enfatizando, então, a questão de que os homens não contemplam, não compreendem e não aceitam o feminismo, que é, justamente, essa busca de direitos que façam valer a independência feminina.

Por fim, ela acrescenta alguns fatores que a impede de chegar a essa independência, como a necessidade de “uma existência com dignidade”, isto é, acessos direitos iguais aos homens e, principalmente, que sua “vida, mesmo que Severina, não pode ser ceifada”, tendo em vista que, no Brasil, se depara com números exorbitantes de feminicídio. Percebe-se, com essa escrita de Andrade, não mais a concepção de que mulheres são apenas coração e emoção. A autora propõe um levante cultural (logo, subjetivo), pois traz vários “eus” identitários emergindo da identidade de mulheres - outros levantes e vozes femininas com suas semelhanças e diferenças.

Agora, observe os trechos do poema *Meu lar*, de Segundo:

[...]  
Sou da roça e não nego  
Sou nordestino confesso  
Sou pernambucano com orgulho  
Sou da terra do xote e do xaxado  
Nosso povo é guerreiro abençoado  
Que enfrenta a seca até o fim  
Eu sou parte desse povo, sim  
Tenho orgulho dessa gente do roçado.  
[...]  
Essa terra muita já padeceu  
Mas aqui Luiz Gonzaga cresceu  
Representou nossa cultura  
Foi um homem de bravura  
Cantou desde quando era criança  
Impressionou com Asa Branca  
Nordestino de pé no chão  
Saudoso Rei do Baião.  
[...]  
(MARIANO et al, 2020, p. 97-98)

Nesse texto, é notório a presença de um orgulho nordestino presente logo na primeira estrofe e, na segunda, há um reconhecimento da cultura desse povo, enfatizando, principalmente, Luiz Gonzaga (uma figura eminente). Toda essa construção é uma resposta direta e, ao mesmo tempo, com caráter de desconstrução de julgamentos que veem o Nordeste enquanto lugar de vida difícil, sem cultura, sem acesso ao conhecimento e sem perspectivas de futuros satisfatórios.

Paralelo a isso, torna-se necessário frisar que, em se tratando dessa escrita identitária, o autor não precisa possuir a identidade pela qual ele dá voz e vez em seu texto. O que torna isso possível são as redes de identificações e de subjetividades que compõem o sujeito, isto é, cada indivíduo carrega consigo suas identidades e, junto a elas, sua concordância de ideais e seu apoio a outros grupos identitários. Frisa-se, porém, que isso não configura apropriação indevida de lugar de fala, uma vez que ambos compartilham dos mesmos pensamentos e posicionamentos mesmo que em condições naturais, culturais e sociais distintas.

Constata-se, portanto, que as escritas aqui discutidas podem ser definidas como identitárias porque há um ato político que se pauta na precisão de expor, por meio da produção, a realidade de grupos identitários postos à margem na sociedade, como é o caso das mulheres e de pessoas naturais do Sertão nordestino ou que, por meio da hibridização (SILVA, 2014), assume tal identidade. Com isso, objetiva-se um anseio de manifestar sua luta por respeito e por direitos, que lhes garantam uma vivência digna e com equidade nos diversos contextos sociais.

Em cada escrita, emerge também uma construção identitária. Nesse processo de construção, surge o novo, a diferença que tenciona para outras marcas de identidades regadas de sentimentos, de emoções, de um plural presente nas individualidades de cada texto, de cada ato de criação literária. Uma escrita que sai do anonimato para a legitimação de que estudantes oriundos de Escolas Públicas podem e devem ter uma produção poética com “um robusto registro para desfazer a crença e as posições equivocadas” (SANTOS, 2020, p. 15).

Assim, desfaz-se, também, a concepção clássica de que a criação poética é para poucos. Na verdade, a criação poética sempre foi e continua sendo uma maneira de dizer muito sobre os diversos “eus” que, inspirados numa realidade, partem para o imaginário e se constituem no simbólico do signo escrita literária com sua carga de subjetividade e marcas que identificam as diversas vozes, sejam elas semelhantes ou diferentes.

## 2 O dialogismo na escrita identitária

Como visto anteriormente, a escrita identitária é um ato de resistência, uma vez que possibilita a construção e a desconstrução de visões positivas e negativas acerca de grupos identitários colocados às margens socialmente. Nesse sentido, este tópico se prontifica a teorizar essa escrita identitária, então, como dialógica também. Por essa razão, é necessário adentrar nas ações linguísticas performativas e no dialogismo.

Em primeiro plano, retoma-se aos estudos de Austin (1998 apud SILVA, 2014) para quem a linguagem possui pelo menos duas proposições: a descritiva e a performativa. No caso das descritivas, como o próprio nome sugere, há a descrição de uma determinada situação ou de um determinado objeto/pessoa<sup>5</sup>. Por outro lado, as proposições performativas possibilitam a efetivação ou a realização de algo e de um pensamento na ordem social.

Isso contribui para a compreensão de que todas as colocações linguísticas reforçam, positiva ou negativamente, as identidades. Em síntese, as proposições performativas definem os juízes de valores aos grupos identitários<sup>6</sup>. A grande questão aqui, contudo, é a noção de que esses juízes de valores podem contribuir para a construção e a afirmação de estereótipos, em especial das mulheres, dos nordestinos e de grupos étnico-raciais (como pretos e indígenas).

Nesse viés, surge a necessidade de romper com essas afirmações estereotipadas, a fim de estabelecer uma organização social favorável a todos os sistemas classificatórios. Logo, constata-se a importância da escrita identitária, já que possibilita a desconstrução das percepções pejorativas e negativas daqueles que passam pelo processo de exclusão social, fruto, como bem aponta Silva (2014), das relações desiguais de poder.

Assim, no livro *Lugar de criação em versos e prosa*, quando se propõem os temas *Protagonismo feminino: a condição das mulheres, Sertão, arte e cultura* e *A construção do lugar de fala étnico-racial com estudantes de Escolas Públicas*, objetiva-se a postulação de proposições performativas positivas acerca dessas identidades.

Logo, pode-se afirmar que a escrita identitária é dialógica. Para se compreender a dimensão dessa afirmação, propõe-se uma análise à luz de Fiorin (2020) que, em seu livro *Introdução ao pensamento de Bakhtin*, apresenta uma síntese das três noções de dialogismo, proposta, inicialmente, por Bakhtin em seus estudos acerca da linguagem enquanto instrumento sociocomunicativo.

Em um primeiro conceito de dialogismo, constata-se a ideia que todo enunciado é dialógico, uma vez que sua construção se dá por meio de outros enunciados. Logo, entende-se o porquê de ele ser heterogêneo, isto é “revela duas posições, a sua e aquela em oposição à qual ele se constrói” (FIORIN, 2020, p. 20). A partir das temáticas, os autores - que contêm textos publicados no livro citado anteriormente - posicionam-se contrários aos discursos machistas, xenofóbicos e racistas, a fim de rompê-los. Em contrapartida, apoiam-se em discursos feministas, que ratificam o valor do Nordeste e antirracistas. Logo, entende-se aqui a escrita identitária como dialógica, porque ela rompe com alguns discursos e aproxima-se de outros.

Na segunda perspectiva do dialogismo, tem-se em vista a presença direta da voz de discursos em um novo discurso evocado pelo enunciador, podendo se manifestar de duas formas: discurso alheio e discurso citante separados ou discurso alheio e discurso citante inseparável. Como já dito antes, a escrita de identidade rompe ou se aproxima de outros discursos e, para tanto, se torna possível a apropriação de outras vozes para validar a intenção do autor. Tal proposição pode ser apurada neste trecho do texto *Janelas da alma*, de Cavalcanti: “Já disse Bob Marley, enquanto a cor da pele for mais importante que o brilho dos olhos, haverá guerras. Eu posso lhes afirmar que nunca li tantas verdades” (MARIANO *et al*, 2020, p. 155).

Por fim, a terceira definição de dialogismo versa sobre a subjetividade que, segundo Woodward (2014), se refere à compreensão do indivíduo acerca de quem ele é. A construção dessa subjetividade é estabelecida sempre em relação aos outros indivíduos, o que já garante a

noção da dialogicidade dos sujeitos. Nessa perspectiva, entende-se que o “mundo interior [do sujeito] é formado de diferentes vozes em relação de concordância e de discordância” (FIORIN, 2020, p. 61). Nesse segmento, constata-se a existência de:

- a) Vozes de autoridade: centrípetas, tendem a ser impermeáveis e ser organizada em torno de um centro fixo e
- b) Outras vozes: centrífugas, tendem a ser móveis e abertas, isto é, não fecham em centros fixos (FIORIN, 2020).

Em suma, Fiorin reforça que “os enunciados, construídos pelo sujeito, são constitutivamente ideológicos, pois são constitutivamente ideológicos, pois são uma resposta ativa às vozes interiorizadas” (2020, p. 64). Ademais, ele acrescenta que “a realidade é centrífuga, o que significa que ela permite a constituição de sujeitos distintos, porque não são organizadas em torno de um centro único” (2020, p. 64). Nessa ótica, nota-se que os escritores da coletânea, que dão sentido a esta pesquisa, a partir da noção de sujeitos portadores de vozes centrífugas, utilizam o espaço textual para se afirmar como tal.

Assim sendo, examina-se a escrita identitária como dialógica, visto que dialoga com outros discursos tanto para concordar ou discordar deles, a fim de legitimar suas identidades e, especialmente, as vozes que os compõem enquanto sujeitos sociais e históricos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das discussões desenvolvidas nas seções em que este artigo se fragmenta, observa-se a ideia de escrita identitária como um ato de resistência. Isto é, os autores, que se encontram marginalizados socialmente por causa de suas identidades, valem-se da produção textual para se afirmar na sociedade. Com isso, busca-se a garantia de suas vozes e de suas vezes nas interações sociais e, assim, contribuir na luta pela desmistificação das exclusões advindas das relações de poder e dos sistemas classificatórios, principalmente no que se refere às identidades de gênero, de lugar e de raça.

Ademais, ressalta-se que fica registrado a ruptura com a ideia de que estudantes de Escolas Públicas não possuem a capacidade de desenvolver uma escrita criativa e original, tendo em vista que este estudo se firma a partir da análise de textos produzidos por autores oriundos dessa Educação Básica Pública. E, além disso, garante o embasamento desse novo conceito, isto é, a escrita identitária. Afinal, como estabelece Hall (2014), a noção de identidade está sendo transportada para discussões com as variadas disciplinas do saber.

Por fim, pontua-se que esta pesquisa deixa margens aos futuros estudos que objetivam aprofundar nestas discussões, posto que o projeto de extensão *Lugar de criação: um estudo sobre a produção escrita identitária juvenil de Escolas Públicas* continua a desenvolver suas atividades e a produzir novos livros com o mesmo intuito e o mesmo eixo temático que a coletânea *Lugar de criação em versos e prosa* (MARIANO *et al.*, 2020).

## SUBJECTS AND IDENTITIES: THE CONSECRATION OF THE IDENTITY AND DIALOGICAL WRITING

**ABSTRACT:** This work aims to analyze the themes and some textual productions published in the collection *Lugar de criação em versos e prosa* (MARIANO *et al.*, 2020), in order to deliberate on some notions about identity and dialogic writing. Therefore, it is a qualitative and bibliographic researching work, which is anchored in theorists such as Hall (2019), Silva (2014), Woodward (2014) and Fiorin (2020).

**Keywords:** Writing. Identity. Dialogism. Subject.

---

<sup>1</sup> O projeto é dividido entre a equipe extensionista e os participantes. A equipe extensionista contempla a coordenadora Prof. Ma. Nazarete Andrade Mariano, professores do Colegiado de Letras da UPE, professores da Educação Básica da Rede da Bahia e/ou de Pernambuco e graduando em Letras da UPE. Por sua vez, os participantes são estudantes e ex-estudantes de Escolas Públicas. Ressalta-se, pois, que todos os membros elaboram as produções textuais.

<sup>2</sup> Convém ressaltar que a coletânea foi lançada tanto em livro físico quanto em e-book. Ademais, frisa-se que o material digital encontra-se disponível em: [https://drive.google.com/file/d/1q9-FxigpHAXLzh\\_zG8n1CyBgUJFQTO7L/view?usp=sharing](https://drive.google.com/file/d/1q9-FxigpHAXLzh_zG8n1CyBgUJFQTO7L/view?usp=sharing). Acesso em: 15 ago. 2021.

<sup>3</sup> Esta nomenclatura ganha forma e sentido com base na tese de doutorado em andamento em Crítica Cultural (UNEB) da pesquisadora Nazarete Andrade Mariano que tem como objeto de tese “Escritas de Identidades”.

<sup>4</sup> Onde se lê *dentrão*, leia *dentro não*.

<sup>5</sup> Por exemplo, “Este lugar é lindo”, “A caneta é útil” e “Paula é delicada”.

<sup>6</sup> Nesse caso, pode-se citar frases como “Lugar de mulher é na cozinha”, “Mulher é burra”, “Isso é coisa de menino”, “Nordestino passa fome”, “Nordestino não tem conhecimento, cultura” e afins.

## REFERÊNCIAS

AUSTIN, J. L. *Como hacer cosas con palabras*. Barcelona: Paidós, 1998.

BEAUGRANDE, R. de. *New foundations for a science of text and discourse: cognition, communication, and the freedom of access to knowledge and society*. Norwood: Ablex, 1997.

DERRIDA, J. *Limited Inc*. Campinas: Papyrus, 1991 apud SILVA, T. T. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, T. T. (org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. 15. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

HALL, S. Quem precisa de identidade? In: SILVA, T. T. (org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. 15. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

\_\_\_\_\_. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 12. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2019.

FIORIN, José Luiz. A linguagem humana: do mito à ciência. *Linguística*, p. 13-46, 2013.

\_\_\_\_\_. *Introdução ao pensamento de Bakhtin*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2020.

KOCH, I. V; TRAVAGLIA, L. C. *A coerência textual*. 18. ed. São Paulo: Contexto, 2018.

MARCUSCHI, L. A. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2008.

MARIANO, N.; PANTA, F.; COELHO, L.; ALVES, A.; SEGUNDO, M. (orgs.). *Lugar de criação em versos e prosa*. 1.ed. Petrolina: Oxente, 2020.

SANTOS, C. Prefácio. In: MARIANO, N.; PANTA, F.; COELHO, L.; ALVES, A.; SEGUNDO, M. (orgs.). *Lugar de criação em versos e prosa*. Petrolina: Oxente, 2020.

SILVA, T. T. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, T. T. (org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. 15. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

---

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. *In*: SILVA, T. T. (org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. 15. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

**Data de submissão: 08/09/2021**

**Data de aceite: 30/11/2021**